REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte), m. forte...	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem).......	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrangeiro (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

29.º Anno — XXIX Volume — N.º 1:006

10 DE DEZEMBRO DE 1906

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Typ. do Annuario Commercial—Calçada da Gloria, 5
Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.—Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

Chronica Occidental

Façamos um rosario de todas as novidades que nos vêm contar e desfiemos as contas uma a uma. Todos os padre-nossos são da politica. E senão vejamos: expulsão do sr. dr. João de Menezes pelo sr. presidente da camara dos deputados e readmissão do mesmo deputado por deliberação da camara; *meeting* no Porto e tiros da guarda municipal; discursos no parlamento; jornaes querellados; pendencias d'honra; boatos muito graves; muito *diz-se* e varios desmentidos. Que mais?

Tem a gente duvida de escrever seja o que fôr da politica, uma hora mais cedo do que a meia noite do dia que vai marcado no cabeçalho. Certos jornaes, dizendo-se bem informados, pregam-nos sustos medonhos: falam dos misterios prestes a revelarem-se; elles estão talvez na conspiração; um d'estes dias, talvez uma d'estas horas, temos ahi a desabar... e não nos dizem o quê!

Isto assim não é viver: é um mal-estar constante, uma agonia, um temor de rasgar quanto se escreveu, o terror do que pensarão de nós os typographos, quando lhes remettermos as provas com mais emendas do que lettras.

Podem muitos dormir descançados, estendendo-se na cama, pronunciando em ar de oração nocturna: «Ora adeus! O que fôr soará.» Mas elles não teem que dissertar, elles não teem de escrever sobre o que ha de soar, bom ou máo.

Vive-se n'uma duvida tormentosa. Prognosticos são calculos de probabilidades; mas quem se atreve agora a fazel-os? Podem espectros sahir de seus tumulos, como o velho rei Hamlet, que não convencerão os regimentos de Hamlets innumeros que por ahi andam monologando o ser ou não ser.

Que será o dia de ámanhã em Portugal? Eis o que ninguem sabe, eis o que todos queriam saber. *That is the question.*

Quem espera desespera, diz um dictado muito velho; mas esperar o incerto, mas dizer-se que alguma coisa vai acontecer e ninguem saber se é rato que o monte de Phedro ha de parir, se torrentes de lava que o Vesuvio ha de erguer ás nuvens, isso importa um pouco mais do que a simples impaciencia d'aquelles a quem a nova, ainda por horas, dias ou mezes, se ha de manter occulta.

A duvida tem posto em braza a cabeça a muitos philosophos ainda antes que medicos psychologos a estudassem nos gabinetes ministeriaes e nos manicomios. Ainda Hamlet não encetara os soliloquios no castello de Elsenor e já o burro de de Busidan morria de fome entre as duas rações de cevada.

Se fossemos a classificar todo o genero de duvidas e a definil-as, não chegavam volumes como os de Larousse, ainda que de outro assumpto n'elles se não tratasse. Tudo na vida são encrusilhadas; uns não sabem o caminho que hão de tomar, ignoram outros o caminho por onde lhes virá a felicidade ou a desventura. Aquelles perguntam anciosos por qu. atalhos irão mais depressa; anceiam estes pelo declive que os ponha mais rapido em logar seguro. A maior parte quer apenas saber de que lado surgirá, visão toda de branco ou temivel espectro, *aquillo* que está para vir, D. Sebastião talvez, visto que todos, mais ou menos, continuamos, cá por dentro, n'um esperançoso sebastianismo.

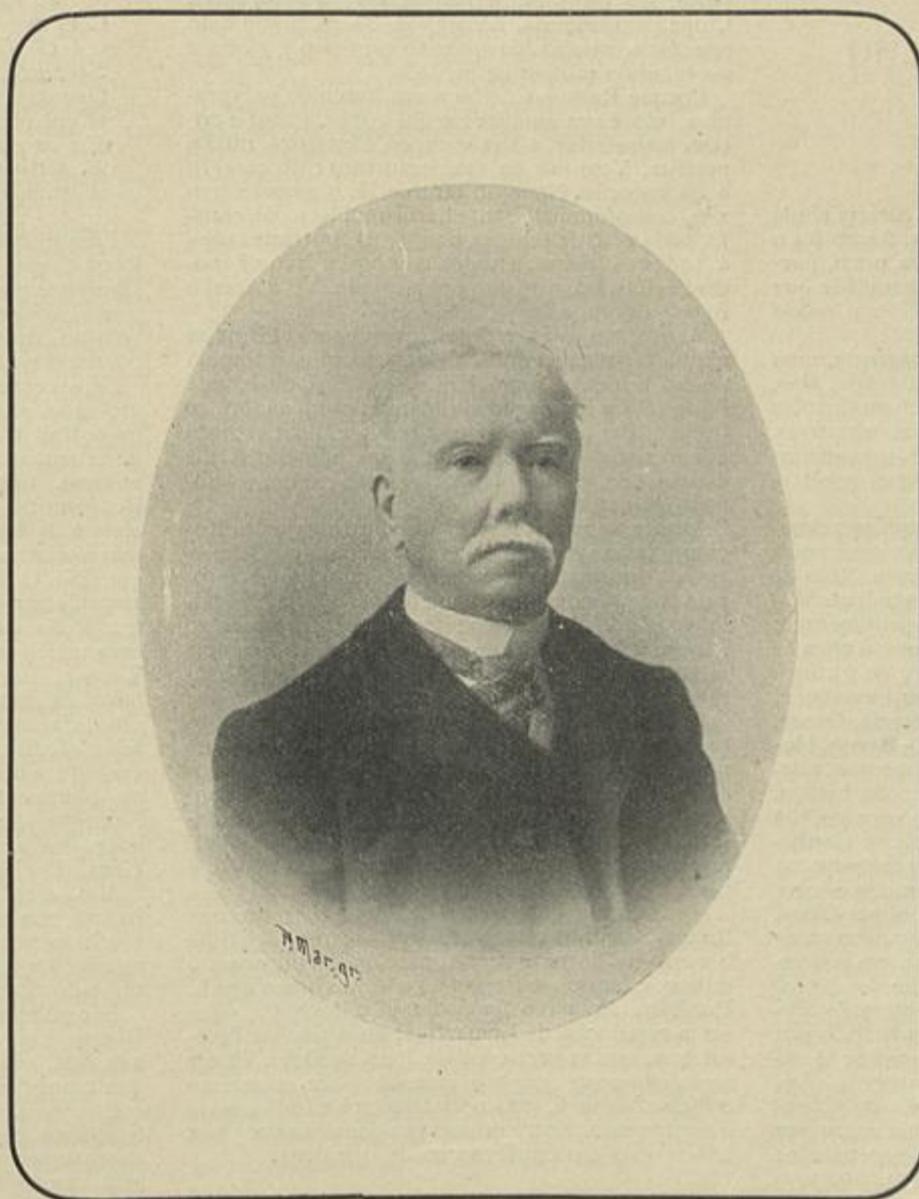
E as noticias que lemos, todas, com insignificantes, rarissimas excepções, continuam a referir-se á politica: é no cemiterio a manifestação á memoria de Heliodoro Salgado, é o comicio politico em Leiria, em que falaram os drs. Bernardino Machado e Antonio José d'Almeida; é a expulsão dos hespanhoes portadores d'uma mensagem aos republicanos portuguezes; é o comicio dos vinicultores em Alpiarça, visto que a questão vinicola é uma das mais serias de que tem o governo que occupar-se.

E a resultante de todas estas emmaranhadas forças é o enigma do dia, porque ha de ser uma só, e ninguem sabe qual será.

Faz-nos hoje muita falta um homem como aquelle Fr. Bernardino de Santa Rosa, que, ha coisa de seculo e meio, escreveu o nunca assaz celebrado *Theatro do Mundo visivel, philosophico, mathematico, geographico, polemico, historico, politico e critico ou Colloquios varios em todo o genero de materias, em as quaes se representa a formosura do Universo e se impugnam muitos discursos do sapientissimo Fr. Bento Jeronymo Feijó.*

Um varão insigne d'esta qualidade é que nos faz muita falta, que muito bem nos poderia dizer, examinando os percursos dos srs. João Franco, João Arroyo, Baracho, deputados republicanos, etc., onde é que vamos dar, e quando, e em que estado de saude.

Fr. Bernardino explicava tudo e seu discipulo, abria sempre a bocca, cheio de pasmo. Pudera!... Para os eclipses e tremores de terra, para os cometas e batalhas aerias, para a phenix renascida e o ultimo canto dos cysnes, para tudo o que o aparvalhado discipulo lhe perguntava, tinha Fr. Bernardino a mais comprehensivel explicação.

Uma das marés, que é das melhores. O norte é mais frio que o sul; o ar

JOSÉ RAMOS-COELHO

Fotografia de Vidal & Fonseca

chega ao norte, arrefece e faz-se em agua; vem a agua por ahi abaixo e cresce a maré.

—E porque desce depois! pergunta-lhe o discipulo já certissimo do convencimento, que ha de levar para casa.

—Ora essa! exclama o frade. Porque se não descesse, inundava-se tudo!

Fr. Bernardino, santo varão! Que longe vão os teus tempos e a gente que te fez os prologos e te dedicou sonetos ao teu genio! Falavas de tudo; para ti não havia mysterios nem difficuldades; ah! que presidente davas, se apanhasses uma camara tão enthusiastica como o idiota do teu discipulo!

Mas o bom do frade deve estar sob uma lage do claustro, desfeito ha muito em cinzas, e os problemas n'este mundo tornaram-se muito mais difficeis que o das nascentes do Nilo e o do logar do paraizo.

Um dos mais discutidos ultimamente tem sido o da alimentação publica que tão intimamente se prende com o da horrivel mortalidade das creanças n'este infeliz Portugal. Ainda não ha muito causaram profundissima impressão as declarações feitas a este respeito pelo distincto professor, dr. Egas Moniz. A ignorancia das mães e a miseria em que vivem, todos os annos leva á sepultura alguns milhares de creancinhas. Mais importante é um problema d'esta ordem, do que muitos com cuja discussão teem os politicos levado dias e dias, muita vez vaidosos de suas habilidades. E, peor que o peor dos tyrannos, continúa a tuberculose fazendo impunemente suas victimas. Ignorancia e miseria são as armas com que ella combate, e ainda taes assumptos são postos de lado porque parece que mais vale responder ao discurso da coroa. E ao mesmo tempo que um lindo tropo desabroxa nos labios d'um deputado ou par do reino, o ultimo suspiro se exhala entre os labios descorados d'um pequenino faminto.

Isto, sim, que é deveras triste.

João da Camara.

——»»»><«««——

JOSÉ RAMOS-COELHO

(esboço critico)

Vertigem e lucta, o Seculo xx, carreia ainda os materiaes d'uma Civilisação nova. Assim foi o Seculo xix. Assim terá de ser talvez o xxi, porque ha elaborações na vida da Humanidade que exigem seculos. A Edade Média é um nitido exemplo.

Germina com evidencia, mas lentamente, uma Revolução philosophica, artistica, litteraria. Mas, se ha alguns principios fixos, ha tambem duvidas que se traduzem nas mais torturadas tentativas. Não palpamos já trevas impenetraveis, mas affronta-nos ainda uma penumbra, que assusta, que desnorteia, que desalenta.

Está, porém, já realisada uma conquista primacial: a honesta e plena liberdade da Consciencia e, portanto, da Arte. As escolas morrem. Nada de mais tabiques na Casa Ideal da Humanidade. Vivos, fecundos, intangiveis, ficam dois sentimentos: a Sinceridade e a Justiça. A Arte que n'elles se baseia ha de ser digna do Presente e do Futuro, como do que de melhor nos deixou o Passado. É que Homero, Eschylo, Virgilio, Lucrecio, Dante, Tasso, Camões, Shakespeare, Goëthe, Byron, Hugo, são de todos os tempos porisso mesmo, porque os inspirou a Sinceridade dentro da Justiça.

Estes sentimentos, estes principios vencem, dia a dia, verdadeiras brumas, senão trevas. Constituem a Musa Moderna. Nos tempos recem-findos o Amor—cego e ingenuo—foi o grande Sôpro. Facilmente desvirtuado, deu muitas obras falsas, o que o não impediu, aliás, de legar-nos maravilhas d'oiro, quando se não dementava em intransigencias com o Futuro. Succede-lhe evidentemente a Justiça, e a Critica, a corrente transformadora da Arte, patenteia cada vez mais o seu influxo. Ora dizer isto é dizer o seguinte: O estreito circulo do Amor e do Odio, antithese viva, rompe-se, ou amplia-se; a oscillação da Consciencia entre a Sympathia e a Antipathia como que se disciplina com a Verdade e com a Serenidade; emfim, a morte do pessoalismo e do facciosismo é um facto puro e consolante. O temperamento do critico admitte a existencia de temperamentos que vejam a Arte por fórmulas exclusivamente suas. Póde a Arte ser envolucro da Mentira: se o é sinceramente e, portanto, involuntariamente, não se lhe apedreja o estylo, a fórma, a plastica. Discute-se a essencia, mas vê-se o brilho da vestidura, que póde ser de mármore de Paros ou de estrellas. Profliga-se o erro, mas celebra-se o primor da taça que contem o veneno: denuncia-se o paradoxo, a incongruencia, o delirio, mas, se é dentro do jáspeo organismo de Apollo, que tudo isso vem, não se chama monstro ao modelo, aborto ao primor, ser grotesco á belleza. Ha sinceridade, naturalidade, verdade? Ha beneficio para o luminoso triangulo: Familia, Patria, Humanidade. E isso é tudo, tem direito á Justiça.

Estes sentimentos novos, pois, não trazem só bom senso e bom gosto: trazem bom caracter.

Comprova-o a vagarosa, mas incessante evolução da Critica portugueza. Estamos n'um tempo de rehabilitação insaciavel. Evocam-se, por exemplo, nomes que a inveja ou a ignorancia sepultaram; Ignacio Pizarro Moraes Sarmento, Pedro de Lima, Pinto Ribeiro Junior, Alexandre Braga, Lobato Pires, J. Germano da Cunha, Hamilton d'Araujo, Cesario Verde, etc. etc. Dos vivos procuram-se já muito os esquecidos pelos diarios, pelas varias e ás vezes, formidaveis agencias de reclamos. Ainda por acaso? Brevemente se fará por systema, por deducção lógica de convicções e estudo. A injustiça é, cada vez mais, um estygma que póde denunciar: ou miseria d'alma, ou incapacidade, ou impotencia mental no auge do desespero.

*

No meio d'estes, radiosamente vivos, e que muitos pretendem dar como quasi mortos, avulta José Ramos-Coelho. Por culpa sua? Por culpa do *meio*? Por culpa d'ambos?

Depõe Luciano Cordeiro, tão áspero tão demolidor: «*Ramos Coelho, entre outros merecimentos, tem o de não sacrificar a arte á vaidosa angariação da popularidade insciente e balôfa.*» Culpa sua, portanto, se é culpa a extrema honestidade: Depõe o meu amigo e illustre litterato Yvermont. «*Como é que esse homem, que não é só um grande contemplativo, mas antes um trabalhador enorme, é relativamente desconhecido?*» Culpa, portanto, do *meio*, se é responsavel a ignorancia. Culpa, em summa, de ambos, do escriptor e do seu *meio*, mas culpa que, no primeiro é gloria e no segundo motivo de piedade.

Porque Ramos-Coelho é um herculeo polygrapho. Não é um amador: é um cultor. Poeta e critico, historiador, a sua vocação é inteiriça, nitida, perfeita. Vem-lhe do temperamento: do cerebro e do coração. Nimba-o tanto a fé, o amor, a paixão, como um palpitante heroismo. Resistiu, resiste, hade resistir sempre, a todas as contrariedades, a todas as friezas, a todos os golpes. Não vê modas, seitas, ensejos de popularidade. Vê a Arte, o Bello, o Bom, o Justo, o Sincero.

Assim, em 1854, o então joven poeta affirma-se n'uma homenagem alta a Garrett, colosso tombado no fim desse anno. Ergue um thuribulo banal? Não: fála a linguagem da Justiça, como o glorioso Bulhão Pato, como alguns mais. É uma creança e apresenta a musculatura d'um homem. A sua estreia não é um jorro de vaidade: é um relampago de verdade.

Vem o anno de 1857. O Romantismo já era Romanticismo. Agonisava, embora como um leão—agonia que, mal disfarçada, ainda dura hoje no proprio Eça, como em Daudet e partidarios. Fervilhavam poetas, mas voavam settas crúas sobre o Amor, a Fé, o Soffrimento. A poesia da Sciencia já rutilava em Teophilo; já relampejava em Anthero.

Ramos Coelho não pergunta por isso: pergunta á sua Consciencia o que é que ella pensa e sente. Responde-lhe o estro dos *Preludios Poeticos*, em 1857 dados a lume. Estava alli um romantico, embora com vestes classicas, ingenuo, fluente, sincero, trovadoresco, amando, do fundo d'alma, Deus, a Patria, e a sua Dama. A sua arte é pura e espontanea, viva, sóbria, desartificiosa.

Entretanto, Luciano Cordeiro, dizendo que Ramos Coelho *esculptura em marfim*, ácha-lhe o verso *nitido puro e frio*; mas os que ouviram o critico releram os *Preludios* e viram que o que L. Cordeiro chamavo *frio* ou tem o doce *vago* que fez a reputação de Lamartine, ou a timidez juvenil que, tantas vezes, enleia João de Deus. *Pende manifestamente para o classico*—diz o mesmo critico. Assim é, mas o classicismo não lhe mata o sentimento. Entre muitas esplendidas estrophes, leia-se esta em confirmação do que digo:

Porque suspiro, quando tu suspiras,
Melancolica virgem da floresta?
Se deliro d'amor, porque deliras?
Porque nas horas da calmosa sesta,
O passo moves solitaria e triste
Para o logar em que estivemos sós?
Porque a primeira vez alli me viste?
Ai! deste amor o que esperamos nós?

(*Preludios Poeticos*, pag. 85)

Tambem não reçuma frieza a poesia consagrada a Garrett a pag. 291 do mesmo livro. Ouçam o fecho, tão conceituoso e sentido:

Que passe algum tempo, e aonde repousas,
Qual outro Camões, ninguem ha-de saber!
A patria é mais rica, poupou duas lousas!
E como teu mestre, a quem seguir ousas,
Irás para campa o universo escolher.

E, como estas, muitas, o que explica o acolhimento festivo que teve o volume dos *Preludios*, acolhimento que, de per si só, destróe o que o citado L. Cordeiro põe de restringente neste juizo (*Livro de Critica*, pag. 295): «*E um metrificador correctissimo, com certa graciosidade singela... mas devia ter uma esthesia impressionavel, imaginação mais idealisadora*, etc. Exaggêro de rigor que implicou uma injustiça. Podia—e devia—Cordeiro ter dicto, que o poeta, pela edade e pela simplicidade da vida, não era ainda um *homem*. Creança pura, não batia naturalmente azas d'aguia. Era o rouxinol mavioso que via ainda o mundo pela fresta do seu ninho immaculado.

Mas, sendo-o, quem póde negar a *esthesia impressionavel* das poesias *Como eu te amo*, *Fonte d'amor*, *Desamparo*, etc.? O que elle não sabia nem queria, era fingir impressões, por então ainda não colhidas pela sua adoravel innocencia. Quem póde contestar-lhe faculdades de boa idealisação em poesias como *Pedido*, *Almeida Garret*, a *Gruta do Fantasma*, etc.? Só se fôr pela naturalidade tão viva, que não descobria um artificio visivel...

E a simplicidade não é tão infantil, que o torne monótono, ou egoista. A pag. 68 dos citados *Preludios*, ha, entre outros, versos fogosos e patriotas como estes:

Já não diviso as próas
Com que aravas, intrepido e orgulhoso,
O' Tejo, o largo oceano;
Se ainda a elle corres caudaloso,
Que importa? Já não mandas soberano.
O que escutas ao longe? O riso e insulto;
Eis as páreas que o mar hoje te paga!
E, entre as fracas mãos o rosto occulto,
A grande entre as nações a injuria traga!

Foram mais vehementes Garrett, Soares de Passos, ou Guilherme Braga? Não tinha L. Cordeiro nos *Preludios* vislumbres do futuro alto poeta, senão pela estrada da vida social, pelo lyrismo de João de Deus e de tantos poetas portuguezissimos?

Seja como fôr, o poeta dos *Preludios* ia progredindo, dia a dia. Começara em 1858 a sua magistral traducção da *Gerusalemme Liberata* de Torquato Tasso. Em 1860 concluia a obra enorme. Luctava então ásperamente pela vida. Pungiam-no já a frivolidade e a ignorancia do *meio* e da época. Causas excessivas de desalento: mas a obra veio a lume, depois de mil difficuldades, em 1864. O magnifico trabalho arrancou á rispidez systematica de L. Cordeiro estas palavras: «*Na traducção que citamos parece, ás vezes, que se communica ao traductor o fogo da inspiração do Tasso... incendeia-se-lhe a imaginação ao contacto da imaginação incendida, exuberante e esplendida, do grande poeta italiano.*» E o critico, aliás erudito e brilhante, podia e devia ter acrescentado: «*O sentimento desperta-se lhe ao contacto do sentimento de Tasso*», porque o poeta de Sorrento não tem só imaginação poderosa, como, para fins estreitos, affirmou Chateaubriand no *Genio do Christianismo*.

Mas esta apreciação categorica, ainda que ligeira por apressada—L. Cordeiro concluiu o seu livro bruscamente—é o maior desmentido ás restricções anteriores. Se Ramos-Coelho traslada tão bem o genio, é porque tem genio.

Não pódem identificar-se cerebrações desiguaes. Porque não valia Homero, é que Madame Dacier nos deu aquella mediocre traducção da *Illiada*, que tanto fazia rir Voltaire.

Era, pois, imparcial Garrett, em carta de 7 de Setembro de 1852, dando ao poeta o seu juizo sobre umas poesias que lera manuscriptas: «*Os seus versos tem grande merecimento*». Não era, pois, ficticio o enthusiasmo com que, mais tarde, em 1872, lhe dizia Castilho, depois da audição duns versos de Ramos-Coelho publicados numa revista: «*Não resisto á ancia de o abraçar em*

espirito e dar-lhe cordeaes parabens pela sua admiravel poesia que já tres vezes ouvi ler... Que explendida reivindicação para a musa classica.»

*

A traducção da *Jerusalem* é um verdadeiro monumento de fidelidade, engenho, sentimento e conscientissima e honesta nacionalisação. Nenhuma traducção a excede — falamos das traducções em verso, e duma lingua tão opulenta como a italiana. As de Castilho, tão magistraes e geniaes, não a vencem em arte, probidade e rigor de interpretação. A versão dos *Martyres* pelo velho Filinto é, ao pé della, uma disformidade de insulsez e monotonia. Não é tão egual, embora brilhante, a do *Inferno* de Dante, por Ennes e, por signal, tão galhardamente prefaciada pelo dr. Xavier da Cunha. Não parece traducção: parece que o Tasso escrevia com tanta pureza em portuguez como na lingua do Dante. E' obra que dá espanto e dá jubilo, porque até a nossa lingua parece alli tão rica como a italiana. E depois, dentro da vernaculidade, ha todo o Tasso, limpidamente; enthusiasmo poetico, imagem viva, sentimento genial, ideias e sentimentos duma nitidez lapidar, tudo sem barbarismos nem solecismos, e tudo sem um purismo pedante e árido. Transcrevamos ao acaso a estancia 18.ª do Canto XVI:

Armida tem o peito descoberto
E descomposta a coma ao vento estivo;
Langue de amor; pelo suór coberto,
Luz-lhe o rubro semblante inda mais vivo;
Um sorriso, qual n'agua riso incerto,
Lhe brilha no olhar humido e lascivo;
Sobre elle pende; elle em seu seio encosto
Faz á cabeça, e lhe contempla o rosto.

Por esta pequena, mas deliciosa, amostra, se infere a justiça pura de criticos como Vegezzi Ruscalla, Cesare Perini, Costanzo, Marecos, etc., unanimes na consagração da grande obra de Ramos-Coelho. Para mim, é ponto de fé que Ramos-Coelho nasceu épico e, se vivesse ha dois seculos, dar-nos-hia epopeia bem superior á *Henriqueida*, ao *El Afonso*, ou á *Malaca Conquistada* e *Viriato Tragico*, e livre dos defeitos da época, porque se soube ficar classico contra o romantismo, melhor o saberia ser contra o gongorismo, muito mais incompativel com a sua idiosincracia.

Mas o poeta, depois deste grandioso trabalho, pareceu exhausto. Por alguns annos se diria amodorrado em Tibur ou Capua, ou pungido e vencido de desalento. E não era assim. Estava activo e forte como nunca e, em vez de delicias, tinha as angustias que perseguem todos os honestos e affectivos. Dores d'alma e difficuldades prosaicas, que as teve e muitas, batia-as, porém, elle com um trabalho litterario sem ruido, mas profundo e fecundo. Estudava febrilmente. Revolvia códices e *infolios*. Compulsava, annotava, concebia novos trabalhos. A espaços, num desabafo esplendido, poetava. E assim esteve até 1879.

Nesse anno, o trovador ardente appareceu, de improviso, erudito critico. A edição critica do *Hyssope* vinha á luz, a toda a boa luz, purificando, enriquecendo e estudando a obra de Antonio Diniz, rival da *Seechia Rapita* de Tassoni, e do *Lutrin* de Boileau, mas bem superior ao *Rap of the Lock* de Pope.

Depois deste magistral trabalho, acolhido com justo elogio, Ramos-Coelho reembrenhou-se na sua solidão quasi ascetica, e pareceu querer sepultar-se nos archivos para todo o sempre. Não foi felizmente assim.

Em 1885 traduz superiormente o *Cinque Maggio*, essa óde modelar do grande poeta e grande romancista que escreveu *I Promessi Sposi*. Os applausos resoaram ainda e, entre os enthusiastas, destacavam se auctoridades como Prospero Peragallo e Regalla. Em 1886, lê-se o *Bussaco*, esplendido poemeto de poesia profunda, viril, magestosa, enternecida. O poeta alteia se acima do monte historico que saúda. Não deixando a ampla vestidura classica, cresce de estatura, faz-se águia real.

E, decorridos 9 annos, desperta de vez da apparente atonia. Em 1889, publica o suggestivo poemito *Veneza* e, em 1880, assombra com a sua monumental *Historia do Infante D. Duarte*, obra em 2 volumes, publicada a expensas da *Academia Real das Sciencias*. É uma rehabilitação, elevada e tocante, da memoria d'um grande desgraçado. Nada de emphatico e superfluo. Riqueza de documentos authenticos, colhidos na Italia, no logar do exilio do Infante, com amor, com febre. Narração viva e simples, critica, justa, perfeita, com a ternura vaga d'uma intima solidariedade. Estylo sóbrio, masculo, despretencioso. Emfim, a genial resurreição d'um verdadeiro martyr. E, dado este monumento, n'este mesmo anno rende poetica homenagem a Camões. Em 1892, escreve o prefacio tão commovido e patriota, do livro *Alguns documentos do Archivo Nacional da Torre do Tombo ácerca das navegações e conquistas dos portuguezes*. Destinou o governo a obra ao Quadricentenario do descobrimento da America e n'elle trabalhou Ramos-Coelho com Prospero Peragallo e com o illustre poeta e erudito dr. Xavier da Cunha, tambem digno de muito maior renome do que o que lhe conferem.

E não mais pára: *A Mãe de Camões*, em 1892, contestando fidalgamente erros de Wilhelm Storck, aliás seu amigo e traductor; o poemeto *Christovão Colombo*, em 1896, traduzido depois por Peragallo e *Thomaz Blanc* (biographia); no mesmo anno, o radioso livro de lyricas — *Lampejos*; em 1897, eguala, no opusculo *Acerca do Primeiro Marquez de Nisa*, o criterio com que em 1894 publicára o *Manuel Fernandes Villa Real e o seu processo na Inquisição de Lisboa*, e, ainda em 1897, estampa outra delicia lyrica — *Cambiantes*; em 1898, terceiro livro de lyricas—*Reflexos* e os poemetos *A' Ilha da Madeira* e *A' Polonia*; em 1902, o opusculo *Visitas de D. João V á Inquisição de Evora*; em 1903, a ampliação do estudo sobre o Marquez de Nisa; em 1904, o poemeto *Aos meus Traductores*, homenagem a Peragallo, Cannizzaro, Ambrosóli, Benoliel, Novôa, Bjorkman, Millien, Brignoli e Storck, e, emfim, no corrente anno, reedição da *Jerusalem*, que ainda limou, expungindo-lhe pequenos senões, fácetando-a ainda como joia querida, eleita entre as eleitas.

*

Tal, a traços rapidos, Ramos-Coelho. Porque é elle relativamente desconhecido? Abundam assim talentos verdadeiros, operosos, e ainda cheios de virtude, de modestia? Ha muitos trabalhadores d'esta craveira? Não pertence á Justiça pura o destaque d'estes benemeritos?

Assim o penso. Porque assim é, nenhum fructo do meu trabalho mais sorriria á minha consciencia do que a gloria do menor valor ignorado. E o de Ramos-Coelho é de primeira grandeza. Não é um incaracteristico: é uma individualidade inconfundivel. Não é figura de meias tintas: é um nitido e luminoso alto-relevo.

José Agostinho.

Os nétos de Camillo Castello Branco

Que o dobar dos annos, o derruir das ilusões' o amollecer das crenças; a má fé, a ingratidão, a calumnia, tanta coisa má, que se nos depara irrimissivelmente, nos levem á convicção desoladora de que o maior bem da vida consiste em nos preparar para recebermos a morte com um beneficio, comprehende-se, é logico, é quasi inivitavel! Mas que em vinte primaveras floridas da existencia, transpareça uma tristêsa persistente no poetar duma fragil compleição feminina, nascida e vivida em pleno campo, entre o irradiar da naturêsa bellissima do Minho, longe das influencia deleterias das capitaes, ao abrigo dos tratos malfasejos dos desenganos, que só pela vida além nos ferem inevitavelmente, é que mal se comprehende.

Mas quem pode perscrutar o talento, se elle é um desiquilibrio; belo, fulgente, invejavel, mas um desiquilibrio!

E não só uma tristêsa constante e funda se revela nos versos de D. Flora Castello Branco, a prometedora néta do maximo romancista portuguēs; um vago anceio pela morte — pela morte, aos vinte annos! Claramente se evola dessa poesia natural, simples, expontanea, da jovem e talentosissima poetisa.

Natural, porque a educação literaria de D. Flora é rudimentar; simples, não só pela rasão exposta, mas porque nem o mais leve artificio resumbra desses versos tanta vez infantilmente encantadores; expontanea, porque, se lhe não arrancassem os mimosos versinhos para a luz da publicidade, nem a autora presumia sequer a possibilidade de elles terem algum valor!

O Occidente sente-se feliz mimoseando os seus leitores com producções ineditas da novel poetisa; é decerto das mais nobres missões da imprensa animar os que tentam o arduo e quasi sempre, em Portugal, descompensador mister das letras.

O glorioso avô de D. Flora foi, para vergonha dos portuguêses, uma prova irrefragavel de quanto é improficuo o labor literario em Portugal, por maior que seja o talento, o vernaculismo, o espirito critico e reformador, conjugando-se para produsirem um escritor culminante.

Os seis netos de Camillo Castello Branco sófrem privações!

A nós todos portuguêses e ao Estado, como nosso representante, cumpre tutelar essas seis creanças, a mais velha das quaes conta apenas 20 annos.

Urge tambem imperiosamente que o monumento ao mestre supremo da lingua portuguêsa se erga em Lisboa no mais breve espaço de tempo.

Em quaesquer circumstancias os nétos de Camillo teriam jus á consideração publica e ao patrocinio do Estado, mas muito principalmente provando-se que entre elles referve, perpetuando-se, o talento vigoroso, multiplo, pujantissimo do genial avô.

E os versos de D. Flora, alguns publicados mui recentemente em varios jornaes de Lisboa e da provincia, bem provam o talento ingenito da sua autora.

LAGRIMAS

A memoria de meu avô

Minhas lagrimas de dôr,
De tristeza, e de amargura,
Nascem d'este apartamento
De tamanha desventura!

Mas por mais longe que vivas
A minha consolação,
Se te não tenho na vista,
E' ter-te no coração!...

MEU VIVER

Ai! como é triste o viver
De quem se sente captiva
Como uma pomba ferida
Que na prisão vae morrer.

D'antes eu ia contente
Colher boninas da aurora
Por esses prados em fóra
Banhados do sol potente.

Guiava-me a liberdade,
Buscando fructos e flores;
Não tinha meu peito amores,
Desconhecia a Saudade!...

Erguia os olhos aos Céos,
Enlevada, mas um dia
Levou-me toda a alegria
Aquelle supremo Adeus!

Ai! como é triste o viver
De quem se sente captiva
Como uma pomba ferida
Que na prisão vae morrer!...

S. Miguel de Seide

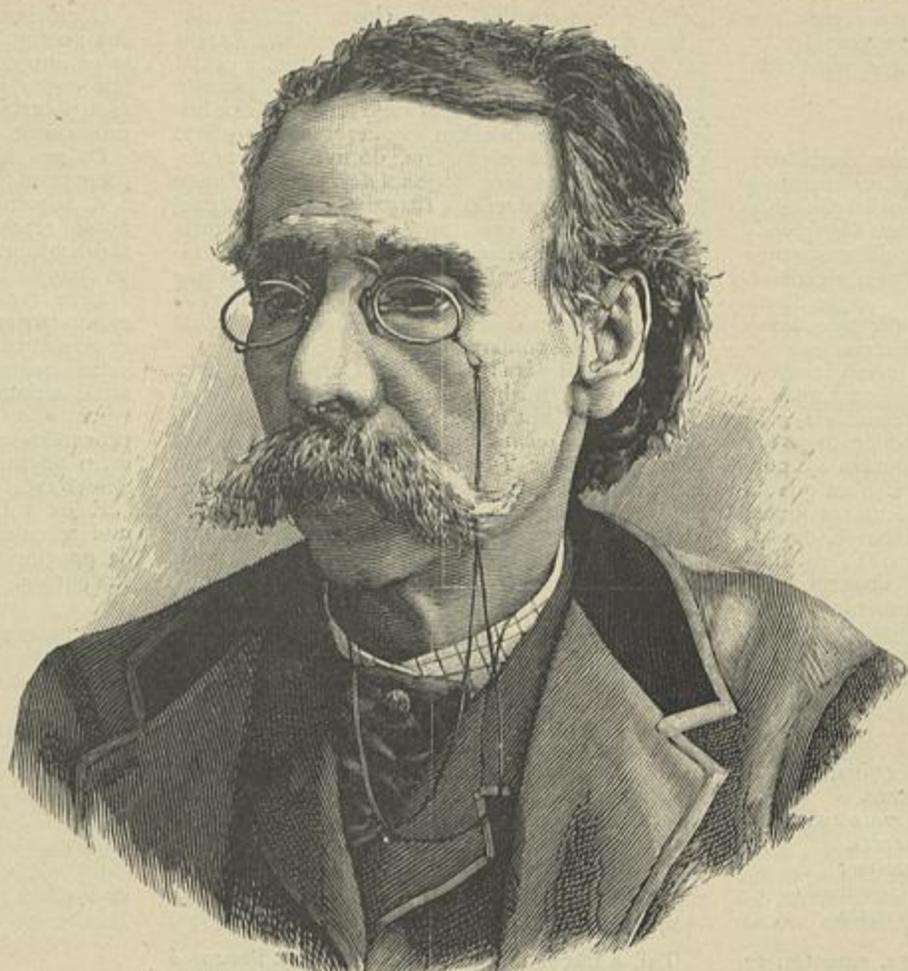
Flora Castello Branco.

Eis a poetisa, que em seus versos revela toda a amargura que óprime seu coração, na primavera da vida, pois apenas conta 20 annos de idade, tendo nascido a 11 de janeiro de 1886.

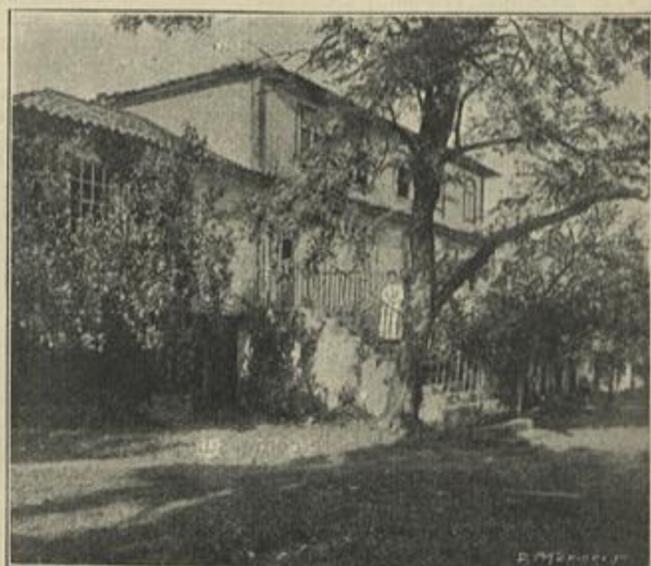
Camillo, outro néto que nasceu a 16 de março de 1888, no mesmo dia e mez em que havia nascido seu avô em 1825, tem estudado preparatorios, em Braga, com os poucos recursos de quem mal tem para acudir ás mais instantes necessidades da vida A despeito desta situação cheia de privações, o jovem estudante revela já seu talento literario em varias producções vindas a publico em alguns jornaes da sua provincia. São os primeiros vôos de uma alma timida a quem falta a confiança, no meio de uma vida dessolada.

Nuno, que nasceu a 4 de março de 1889, encontra-se aos desassete annos dominado pela doença da surdês, que o impossibilita de proseguir seus estudos, pois a esse mal junta a extrema fraqueza organica, sem meios para refaser seu organismo com um tratamento conveniente.

Rachel é uma encantadora creança de 16 annos, nascida a 21 de fevereiro de 1890, naquelle anno fatal em que a patria portuguêsa tendo sofrido uma das suas maiores dores, veio juntar-se-lhe ainda a da morte tragica com que pôs termo á vida aquelle desventurado cego do corpo, a quem toda a luz de seu espirito não poude dar mais coragem para o sofrimento, o avô destes pobres e desamparados nétos.

Mais dois ainda ha; Simão nascido a 6 de julho de 1891 e Manoel a 23 de abril de 1893. Duas creanças revelando já sua inteligencia, mas a que falta o ensino, e como lhe não hade faltar se de privações é seu viver.

Estes nétos de Camillo são filhos de Nuno Castello Branco, filho do grande escritor, e irmão de Jorge a quem a doença da loucura inutilisara para as coisas da vida, como por fim lhe deu a morte.

A pensão que o parlamento português votara a Camillo Castello Branco, quando a cegueira acometeu o genial romancista, foi estenciva a seu desventurado filho, mas com a morte deste acabou, e as pobres creanças encontraram-se sem recursos para a sua sustentação, atravessando uma vida de privações.

E' o estado em que se encontram os descentes do immortal escritor que tanta gloria deu ás letras portuguêsas como á sua patria, porque é a literatura de um povo uma das afirmações mais potentes da sua civilisação e nacionalidade.

Para melhor completar este quadro dessolador, a casa de S. Miguel de Seide, onde Camillo viveu nos ultimos annos de sua vida, e onde produsiu as suas melhores obras, essa casa unico patrimonio que poude legar a seus descendentes, vae cahindo em ruina por falta completa de reparações, para as quaes, é claro, não ha meios e assim o tempo a vae minando, como a miseria vae minando os seus habitantes.

Pobre e desgraçada nação será aquella, que não encontre nos milhares de contos com que tributa o seu povo, umas mialhas no seu orçamento para acudir aos descendentes de um seu filho que tanto a honrou!

Essa modesta pensão votada a Camillo Castello Branco e continuada em seu desventurado filho, não poderia estender-se aquellas creanças até á maioridade, em que habilitados com os estudos convinientes possam angariar os meios de vida?

Crémos que sim, por que é um áto de justiça e de respeito pela memoria do glorioso creador do romance português.

4.° Centenario de S. Francisco Xavier, Apostolo das Indias

Foi no reinado de D. João III, quando os corsarios de St. Malo e os aventureiros de Pizarro ameaçavam apossar-se do Brasil, descoberto em 1500 pelo navegador português Pedro Alvares Cabral, que aquelle monarca ordenou o estabelecimento de varias capitanias nos pontos conhecidos da costa do Brasil, ao mesmo tempo que promovia a cultura das grandes florestas, e abria aquelle novo mundo á propaganda da fé cristan com os primeiros missionarios que para ali mandou.

Muitos foram os missionarios portuguêses que em terras do Brasil prestaram relevantes serviços implantando a religião do Crucificado e levando os indigenas á obediencia da corôa de Portugal,

4.° Centenario de S. Francisco Xavier, Apostolo das Indias

TUMULO DE S. FRANCISCO XAVIER NA EGREJA DO BOM JESUS, EM GOA
(De fotografia)

destinguindo-se entre esses apostolos do cristianismo os padres Manoel da Nobrega e José Anchieta, cuja memoria ainda hoje é ali venerada, e de que o notavel literato brasileiro Pereira da Silva, no seu livro *Os Varões do Brasil durante os tempos coloniaes*, faz o elogio nas seguintes resumidas palavras:

«Foi immensa a fama que resultou dos seus trabalhos. Não só o respeitavam e veneravam os Portuguezes e os Mamelucos (1), senão tambem deixavam os gentios as suas tabas e florestas, e corriam para o templo: quantos prodigios, que chamam milagres as chronicas do tempo, praticou José d'Anchieta por entre os attonitos selvagens! Quantas vezes, procurando-os em pessoa nos seus escondidos asylos, penetrando pelos bosques espessos, atravessando profundos rios, galgando inaccessiveis montanhas e conversando com seus mossacós (2), conseguiu pela sua eloquencia, convertel-os á verdadeira religião e chamal-os para a vida civil? Attestam as memorias do tempo os serviços que prestou, attrahindo em torno de Piratininga innumeros gentios, e plantando nos seus arredores differentes aldeias de gentios cathequisados, que se entregaram confiadamente á sociedade civil e religiosa e ao governo dos padres da Companhia.»

Para estas missões não sendo suficientes os missionarios portuguesês, D. João III convidou outros estrangeiros a virem a Lisboa e d'aqui seguirem para as missões de além mar, em que se incluia a India, por onde Portugal estendia seus dominios.

Foi por este tempo que, entre os missionarios estrangeiros que vieram ao apelo de D. João III, se encontrou o padre Francisco Xavier, natural de Navarra

Não coube a este padre ir para as missões do Brasil, mas para as da India, embarcando na frota que condusiu o governador Martin Affonso de Sousa.

A ação benefica do padre Francisco Xavier, como um verdadeiro apostolo de Cristo, estendeu-se a toda a India e foi ainda missionar no Japão.

A sua caridade foi incansavel como incansavel foi sua piedade cristan da fé mais ardente. O imperio cristão que fundou, resistiu a todas as vivicitudes dos tempos, e emquanto os monumentos derruiram em toda a sua grandeza, ainda hoje se mantem firme e immorredoura a crença de aquelles povos, como a memoria inestinguivel do grande apostolo das Indias, que por suas virtudes extraordinarias mereceu ser canonisado pelo Papa Paulo V em 1605, publicada por Urbano VIII em 6 de agosto de 1623.

S. Francisco Xavier, que no seculo teve o nome de Francisco de Lasso y Javier, nasceu em Navarra, no Castello de Xavier, pouco distante de Pamplona, a 3 de Dezembro de 1506, e morreu na India, na praia de Sanchoão no anno de 1552.

É, pois, o 4.º centenario do nascimento do memoravel Apostolo das Indias que passou no dia 3 do corrente e que foi celebrado com solemnidades religiosas, na egreja de Nossa Senhora da Encarnação e na historica egreja do Coleginho, onde o padre Francisco Xavier, antes da sua partida para a India, celebrou missa no altar de Nossa Senhora do Bom Despacho, que ainda ali existe.

*
* *

A velha cidade de Gôa guarda com piedosa devoção o corpo de S. Francisco Xavier, que por varias vezes tem sido exposto á veneração de aquelles povos que de toda a India concorrem em numerosas romarias ao tumulo do seu padroeiro. (3)

Existe este tumulo na magestosa egreja do Bom Jesus, situada no terreiro dos Gallos da velha Gôa, e edificada á custa de legados de D. Jeronimo Mascarenhas, tendo principiado a sua construcção em 24 de novembro de 1594.

Nesta egreja tem S. Francisco Xavier seu altar, e na capella por detraz deste altar vê-se o tumulo do santo, cujo corpo está encerrado em um rico cofre de prata, artisticamente lavrado e que constitue o terceiro corpo do famoso mausoleu. Este cofre pesa 600 marcos.

O mausoleu onde assenta o precioso cofre é uma obra de arte incomparavel, de finissimos marmores de Italia, de differentes côres, e foi offerecido, pelo que refere o padre Francisco de Sousa no seu *Oriente conquistado*, por um grão-duque da Toscana.

Compõe-se de tres partes distintas, além do caixão de prata que encerra o corpo mumificado do glorioso apostolo das Indias. Tem cerca de 6 metros de altura desde a base até á parte superior da cruz que remata o caixão, 3 metros de comprimento e 2,5 de largura.

O primeiro corpo deste mausoleu é formado por quatro altares em forma de urna em cada face. É de belissimo marmore vermelho raiado de branco. Os ornatos em alto relevo, assim como os cherubins que decoram os angulos, são de jaspe e alabastro purissimo. No centro do frontal de cada altar vêem-se emblemas alusivos em alto relevo.

O segundo corpo é formado por um paralelopipedo de marmore verde pintalgado de branco, preto e cinzento, com resaltos e frisos de marmore amarelado estriado de veios brancos e sepia. Em cada centro das quatro faces deste corpo, assentam quatro altos relevos em bronze, representando notaveis passagens da vida do santo missionario, como se vê das gravuras juntas.

S. FRANCISCO XAVIER DOUTRINANDO OS POVOS DA INDIA

Este alto relevo é o que se vê na frente do mausuleu.

O do lado oposto representa S. Francisco Xavier batisando. Está descalço, com roupeta, sobrepelis e estola, tendo na mão esquerda a imagem do Crucificado e na direita uma concha com que batisa os indigenas. Ao lado esquerdo do apostolo e entre a multidão vê-se um padre que a catequisa.

S. FRANCISCO XAVIER BATISANDO

Este alto relevo assenta na face lateral esquerda do mausuleu. O santo apostolo das Indias segurando-se a um madeiro sobre as aguas de um rio, procura fugir á perseguição dos jávaros da ilha de Móro.

S. FRANCISCO XAVIER, PERSEGUIDO PELOS JÁVAROS DA ILHA DE MÓRO

O quarto relevo está na face correspondente á cabeceira do mausuleu. Representa o Santo na hora do passamento abraçando contra o peito um crucifixo. Está recostado sobre uma esteira na choupana de Jorge Alvares, na praia de Sanchoão, e entre os seus discipulos Antonio e Cristovão, cercado de uma algoria de anjos. Ali morre, exclamando: *In te Domine speravi.*

S. FRANCISCO XAVIER, MORIBUNDO NA PRAIA DE SANCHOÃO

Sobre o segundo corpo corre uma balaustrada de marmore de côr, e sobre esta assenta o cofre de prata, rendilhado sobre fundo de veludo carmesim e cravejado de pedras preciosas, que encerra o corpo do Santo. Nas quatro faces deste cofre assentam trinta e duas laminas de prata que são outros tantos quadros em relevo, ilustrativos da vida do glorioso apostolo do Oriente.

A decorar a parte superior do caixão vêem-se desesseis anjos de prata e seis pinhas do mesmo metal, custosamente lavradas com flores douradas e guarnecidas de pedras preciosas.

A peanha da cruz que remata o caixão é tambem decorado por dois anjos de prata, sustentando nas mãos emblemas alegoricos.

Literatura Norte-Americana

O MONOPOLIO DA ANTITOXINA

PELO

Doutor A. Cary Selly

O doutor tocou no ferrolho para ver o corretor, por motivos alheios á sua profissão, aliás; eram unha com carne, e portanto, não era raro visitarem-se. Parou á porta, um instantinho, a dar dois dedos de cavaco ao Teddy — o Teddy era o saltapocinhas do escritorio.

Teddy era o ai-Jesus de toda a gente e pelavam-se por lhe puxar pela lingua.

O corretor era amicissimo de Teddy — não via outra coisa, diziam, e por sua vontade, o porvir do Teddy não havia de ser coisa somenos, se acaso isso estivesse na sua mão, e pelos modos, estava. Os paes de Teddy eram fallecidos e n'essa conformidade, este vivia em situação independente, até certo ponto, em companhia de uma irmã casada, cujo marido nem por isso via com muito bons olhos o cunhadito. Esta circumstancia dava motivo a andar deserto o corretor por abrir um estabelecimento por conta propria onde pudesse ter sempre comsigo o Teddy.

Não cabia em si de contente o corretor, tinha justamente concluido uma transacção em trigo, por conta de um cliente, e a commissão rendera-lhe bem bom dinheiro. Baforou pois esta boa nova ao Doutor por entre a nuvem de fumo azulado, que subia para o têto em espiraes, dos charutos de um e outro.

E' como lhe digo, tanto eu como o Teddy, d'aqui a pouco, já havemos de ter casa propria, afirmava jubiloso, concluindo a sua communicação, no acto de dar entrada o Teddy.

«Lembre-se do que dizia aquelle corretor dos algodões: As casas de corretores são meras bolhas de sabão.» Desfechou o Teddy, que era pessoa disfrutando amplos privilegios.

Pois sim, mas esqueceu-se de que era corretor e metteu-se em cavallarias altas — adveio o corretor.

Ha muitos que se esquecem — casquinou o Teddy.

O Doutor, n'esta altura, desfez-se em congratulações, nas quaes transluzia uma pontinha de inveja, quando descambou em lamurias, lastimando-se da sorte mofina que o fizera medico em vez de corretor.

Não esteja a invejar o patrão, aconselhava o Teddy. Elle, qualquer dia esquece-se de que é corretor, tal qual succedeu áquelle sujeito dos algodões, e pega a sonhar com «monopolios» e vae ao depois, na primeira aberta, atira-se para a frente, e estende-se, a fazer protestos, lá com

---

(1) Filhos de portuguêses e indias.
(2) Chefes de aldeia.
(3) S. Francisco Xavier foi declarado padroeiro do Oriente pelo Papa Benedito XIV por bula de 21 de fevereiro de 1747.

os seus botões, de se ficar pela experiencia, se não se saír bem á primeira.

Sorriram-se um e outro em vista do cuidado que merecia ao Teddy o bem estar do patrão.

— «Cá pela minha parte, não ha perigo de estenderete» — affirma o corretor. — Eu, em tirando os meus vinte e cinco por cento pela agencia do negocio, fico satisfeito! — E' o mesmo que brincar com o lume,» sentenceou o Teddy, com gravidade, é escaldão certo, mais tarde ou mais cedo.

A' primeira vista cheira tudo a pechincha, depois, vae-se atrás do choro; — entram-lhe os intrujões pela porta dentro com a tal cantiga dos ganhos fabulosos,— de enriquecer de um dia para o outro...

— A proposito, perguntou o medico ao corretor, que me diz o amigo dessa cantata com que andam para ahi os jornaes a clamar que a especulação representa um crime?

— Asneiras, resmungou o corretor.

E' tudo uma cambada, é a inveja que os faz falar, assenassem-lhe ás ventas com uma boa fatia, e veriam como elles todos escancaravam logo a bôca.

— Está sabido, — entremeteu o Teddy: — isso mesmo estou eu farto de prégar; em a coisa lhe luzindo qual é o que não molha a sua sopa — até os corretores.

— Pois sim, mas eu é que não me deixava ir com cantigas — affirmou o corretor. E sabe o que lhe digo, doutor, que não ha ente vivo que não especule; a propria vida que é senão uma especulação em ponto grande; não, que elle, certo, só a morte. E senão, veja o lavrador; quando deita a semente á terra, começa logo por especular, pois espera colher muito mais do que lhe deitou; e elle, ainda assim, corre o risco de perder tudo de uma vez — e é isso tal qual que acontece com o especulador incartado.

— Mas ali o doutor é que ninguem dirá que especula, disse o Teddy e riu-se.

— Eu? Olha quem! tornou, risonho, o doutor.

— «Oxalá!»

E pôs-se á escuta, attento, o bom do nosso doutor, como homem afeito a surprender grandes segredos, emquanto o corretor, com modo jovial, argumentava com o Teddy ácerca do aspecto legal e moral de especulações, sindicatos e monopolios. Não tinha convivido debalde com corretores, traficantes e financeiros o garotete; os ouvidos do nosso espertalhão não haviam perdido pitada, por entre o torvelinho do negocio, e como era agudo e sagaz, além da edade, em dar tento das coisas, á altura do proprio intellecto, o Teddy considerava como lei irrefragavel, o ser licito o emprego de capital em acções de banco, não o serem porém as especulações; e que o «açambarcar» representava uma ameaça á segurança do publico, e devia ser considerado offensa criminal. Não eram estas as palavras do Teddy — a sua versão do caso era muito mais tensa e compre ensiva, aliás.

O corretor voltou a cabeça denegativo: o doutor estava pasmado, e as obrigações do Teddy chamaram a este para fóra do aposento.

O rapaz é um barra! declarou todo ufano o corretor, tem cada ideia naquella cabecita!

E eu vou-lhe dar ensejo para mostrar o que vale! Especulação? aventurou o doutor a rir.

— Nada disso — o que é considero-o eu até como um emprego de capital, nimiamente conservador. Nesta altura appareceu um cliente do corretor e o medico fez as suas despedidas.

Volvida uma semana, qual não foi o espanto do corretor ao ver entrar por ali dentro o medico, muito azafamado, a pedir-lhe um colloquio em particular.

— Succedeu-lhe algum desastre? indagou um tanto assustado o corretor.

Não ha novidade, — tornou o doutor, algo hesitante; depois, como quem toma um mergulho, desfiou por ali fóra, de corrida: «Vim procurá-lo por causa de um negocio.

— Negocio! Negocio? o amigo? muito me conta! O senhor é lá homem que especule! exclamou o maravilhado corretor.

— Aprender até morrer, accudiu o doutor, muito alegre e satisfeito.

— Que é, então, vamos lá a ver, especulação, ou deposito de capital? e sorriu-se.

— Com que, então, ha differença?

— Consideravel, e senão, pergunte ao Teddy.

— Não me parece conveniente consultar o Teddy no presente caso, é capaz de não aprovar, volveu o doutor, a rir, e perguntou: O açambarcar será méro emprego de capital, ou será especulação?

— Especulação, e não pode haver duvida a tal respeito.

— Seja pois especulação. Apresentou-se-me occasião de açambarcar um producto seguro, proseguiu o doutor, e conto com o meu amigo na qualidade de medianeiro.

Medianeiro! Está dito — mas lá quanto a essa coisa de monopolio... accudiu o corretor muito perplexo. E occorreu-lhe então que estaria gracejando o medico.

— Fazenda ou numerario? indagou, um tanto chocarreiro.

— Nem uma nem outra coisa, respondeu o doutor, esboçando um sorriso. O corretor debruçou-se muito para elle, e tragi-comico, segredou-lhe: *Pilulas!?*

— Estou falando a serio, revidou o doutor com dignidade, e era tal o seu aspecto que o corretor desfez-se em desculpas pela sua leviandade e perguntou.

— Qne vem então a ser, doutor — que é então que o amigo pretende açambarcar?

— *Antitoxina!* bafejou o doutor quasi em segredo.

— Antitoxina!? repetiu o desnorteado corretor.

— Sem tirar nem pôr, é o sôro para a cura da diphteria. O meu plano é comprar a quanto se puder encontrar no mercado, e arrematar desde já a toda a producção dos laboratorios nestes trinta ou quarenta dias mais proximos.

— E quantos laboratorios poderão existir?

— Três, unicamente, e existe um direito prohibitivo para o producto importado. Que tal lhe parece o meu plano?

O lado financeiro foi para o corretor a primeira coisa a considerar.

— E será dispendioso? indagou.

— Um tanto.

— Sendo assim, haverá necessidade de empatar uma importante quantia para o monopolizar?

— Ha, effectivamente.

— E o amigo dispõe da dita quantia?

— Consegui arrebanhar alguma coisita, punhâmos que seja metade, se é que não errei os meus calculos.

— E... a outra metade?

— Tem o senhor que entrar com ella.

— Mas se eu nunca especulo, protestou o corretor. Restrinjo-me a ser corretor.

— Não ha ninguem que se não atire *de cabeça* — se bem me recordo, foi a expressão que o senhor empregou — desde que se lhe offerece ensejo seguro.

— Assim será, mas eu é que estabeleci por norma nunca me aventurar em lances dessa ordem. — objectou o corretor.

— Terá pois que alterar a sua norma, porque hade ir feito comigo neste negocio, e dispômos apenas de um dia ou dois, para o segurar.

O corretor ergueu a mão, protestando, o doutor, porem, não se acobardou.

— Ora escute — proseguiu. Não tardará uma semana que não rebente para ahi um pedido geral da antitoxina; com mais uma semana, a procura assumirá proporções extraordinarias; e dahi por diante será uma coisa sem precedentes.

E nós com o supprimento inteirinho e integrado fechado na mão, e habilitados a estipular-lhe o preço que muito bem nos parecer.»

— E que é que dará motivo a tamanha procura? — indagou o corretor — a levarem a melhor os instinctos congénitos de especulação?

— A doença — a diphteria.

— Mas como?

— Vae grassar para ahi com caracter epidemico.

— Como é que soube?...

— Presenceei um caso na séde da *União*, esta manhan. Diagnosticado como sendo crupe por uma mulher de cabello curto, saias curtas e oculos, que levava a creança afectada para um sanatorio da *Sciencia Christã*, afim de receber tratamento; explanou o doutor.

— E o amigo foi chamado á consulta? indagou o Corretor.

— Não fui, mas notei que a criança estava muito doentinha, e pareceram-me suspeitos os sintômas.

Suppús que a tal mulher emancipada osse a mãe, e nessa supposição perguntei-lhe o que tinha a criança.

Declarei-lhe que era o medico. Deu-me o seu bilhete, esqueceu-me o nome, mas incluia uma quatorzada de abreviaturas de titulos, sufficiente para entontecer a cabeça ao medico da Camara do proprio rei Eduardo.

— E depois?

— Depois, consegui observar a garganta á criança — era um caso de diphteria, e não de crupe. — afirmou o doutor todo ufano.

— Devia ter informado as auctoridades — accudiu o indignado corretor — conforme cumpre a todo o cidadão que se préza, sempre que verifique haverem sido postergadas as leis de seu paiz.

— O caso não era comigo — tornou o doutor encolhendo os hombros.

— Mas daqui a nada começa a alastrar por todo esse paiz além! protestou o corretor.

— Com certeza; e a dar incremento ao pedido de antitoxina — occorreu-me desde logo.

— Mas, na sua qualidade de medico... encetou o corretor.

— Como facultativo, estou cançado — o lado monetario da medicina está longe de ser satisfatorio O pêso das atribulações do proximo e, como recompensa, méra gratidão cessou de ter para mim atractivos.

Desde que o amigo me falou naquelle caso do bamburrio do trigo, tenho andado á espreita de uma occasião financeira de enchemão, e, quando se me antolhou aquelle caso não confirmado de diphteria, percebi que tinha encontrado o meu ensejo.

— Mas virão a ser contaminados, por essa doença mortifera, centos e centos de innocentes, de crianças desprotegidas, objectou o humanitario corretor.

— Sem duvida, a affluencia d'ellas no Posto era já muito alem do commum. Partiam em varias direcções para diversos Estados: dei-me ao trabalho de indagar.

— Vae ser um desastre — concluiu o corretor, franzindo o sobresenho.

(Continúa.) M. Macedo.

O MEZ METEOROLOGICO

Novembro, 1906

Barometro. — Maxima Altura 774mm,4 em 25
» Minima » 753,mm4 em 5
Thermometro — Maxima » 18°,7 em 26
» Minima » 8,5 em 15

A maxima é fraca. Em compensação, a minima é elevada em relação ao normal.

Maxima mais fraca 14,1 em 8. Differençaen tre esta, e a maxima mais elevada, apenas de 4°,6, o que é anormal n'este mez.

Chuva. — 105mm,8 em 12 dias, sendo em 4, a chuva de 55mm,7 e em 6, de 24mm,2.

Nebulosidade. — Bom tempo 13 dias
» Nublado 15 dias
» Encoberto 2 dias

Relampagos, e trovões, em 5
Trovoada e graniso, em 6
Arco iris, em 8
Nevoeiro, em 17 e 30
Vento dominante, N N E.

NECROLOGIA

Barão de Marajó

Toda Lisboa conhecia o ilustre paraense, José Coelho da Gama Abreu, Barão de Marajó, que muito novo ainda, se habituou a Portugal, para onde veio cursar a Universidade de Coimbra e tomou o grau de bacharel em filosofia.

Mal concluido, porém, este curso, logo a patria reclamou seus serviços, retirando por esse motivo ao Pará, onde foi encarregado da direção das obras publicas e mais tarde elevado ao alto cargo da presidencia daquella provincia, e deputado á assembleia provincial. Encarregado de varias commissões óficiaes, dellas se desempenhou condignamente, merecendo ser distinguido pelo governo do imperio com o titulo de Barão de Marajó.

Cidadão verdadeiramente devotado ao seu país, serviu a monarquia com a mesma dedicação com que abraçou o novo regimen proclamado em 1889, e assim foi eleito á assembleia legislativa do Estodo do Pará a que prestou o concurso da sua inteligencia e patriotismo.

Espirito altamente liberal e ilustrado, prestou todo o seu apoio á humanitaria ideia da libertação da escravatura, realisada quando o Barão de Marajó ócupava a presidencia da sua provincia.

A este respeito se lê num livro publicado no Pará, em 1902, que tendo um importante proprietario da provincia pedido instantemente, por conveniencia sua, espera para libertar os seus escravos, o Barão de Marajó não atendeu a pretensão, que despachou com um: *Cumpra-se a lei, sem demora.*

Barão de Marajó

Esta resolução define bem o caráter do ilustre finado, se outros átos não houvesse a registar da sua inteiresa e ao mesmo tempo do seu bondoso coração em acudir a muitas miserias que procurou sempre remediar.

O Barão de Marajó viajou muito por toda a Europa, preferindo Lisboa para passar grandes temporadas, relacionando-se aqui com as mais distintas familias da capital e com os nossos homens de letras, cujo convivio muito apreciava como homem ilustrado que era.

Das suas viagens escreveu um livro que publicou em Portugal sob o titulo: *Do Amazonas ao Sena, Nilo Bosforo e Danubio, apontamentos de viagem*. Este livro é ilustrado com gravuras em madeira feitas sobre desenhos de Rafael Bordallo Pinheiro.

Em outro livro, edição de grande luxo, publicado no Pará, para commemorar o quarto centenario do descobrimento do Brasil, encontrasse a colaboração do ilustre paraense. Nesse livro, intitulado, *O Pará em 1900*, escreveu o Barão de Marajó o primeiro capitulo, que consta de umas trinta paginas, sobre geografia fisica. Sant'Anna Nery escreveu a introdução.

O Barão de Marajó era atualmente senador e presidente do Estado do Pará. O illustre paraense apesar dos seus titulos de nobresa, era um verdadeiro democrata, de que dava provas não só pelo facil trato, como pelo desprendimento de titulos e veneras com que tinha sido destinguido por seus merecimentos. Sua morte, occorrida no dia 30 de novembro, foi tão sentida quanto o falecido era estimado por todos que o conheciam.

Deixa tres filhas e tres filhos os srs. José Bricio da Gama Abreu, distinto jurisconsulto no Pará, Vasco Abreu, jornalista redactor do *Jornal do Commercio*, e Jayme Abreu, negociante.

D. Miguel Pereira Coutinho

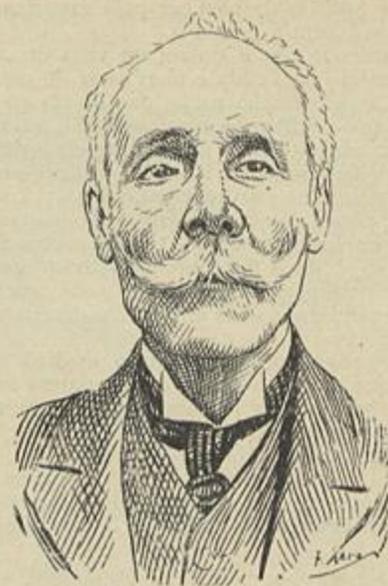
Pertencia á velha nobresa de Portugal o ilustre extinto que a morte arrebatou no dia 25 de novembro findo.

D. Miguel Pereira Coutinho nasceu em Caneças no anno de 1833 e era o quarto filho do segundo marquês dos Soydos e visconde de Santo Antonio do Cartaxo, grande de Espanha de 1.ª classe D. Antonio Xavier Pacheco Pereira Coutinho, e de D. Maria da Madre de Deus Pereira de Lacerda, néto do primeiro marquês dos Soydos D. Jeronimo Pereira Coutinho, que negociou o casamento do principe D. João, depois rei D. João VI, com a princesa de Espanha D. Carlota Joaquina.

Descendente do grande navegador português Bartolomeu Dias, a sua genealogia é das mais nobres de Portugal, ligado com as ilustres familias Jeromenha, Lemos de Condeixa, João de Lemos, o grande poeta, etc.

D. Miguel Pereira Coutinho era casado com uma sua prima a ex.ma sr.ª D. Maria José de Azevedo Coutinho de que deixou uma filha a ex.ma sr.ª D. Helena Pereira Coutinho.

O ilustre extinto juntou aos titulos da nobresa herdada, os que conquistou por seus talentos e primores de caráter, tornando-se uma das figuras mais distintas da sociedade portuguêsa, como da politica, tendo militado no partido historico que acompanhou na fusão com o partido reformista.

Deputado da nação em varias legislaturas, distinguia-se como parlamentar, sendo um dos mais antigos membros do parlamento português, e ainda na presente legislatura era o suplente á presidencia da camara e membro da commissão de agricultura da mesma.

Conselheiro D. Miguel Pereira Coutinho

Foi par do reino elétivo por Angra do Heroismo.

Ha cincoenta annos que desempenhava altos cargos publicos, tendo-lhe sido confiadas importantes commissões de serviço, de que se houve sempre com inexcedivel zelo e superior inteligencia, pelo que foi agraciado com a carta de conselho em 1888, sendo por essa ócasião nomeado chefe da repartição de contabilidade do ministerio da justiça e de contador da Bulla da Santa Crusada, cargos que ainda agora desempenhava.

O conselheiro D. Miguel Pereira Coutinho era um grande viticultor e agricultor, possuindo magnificas propriedades em Villa Franca de Xira em que se conta a denominada *Bom Retiro*.

Faleceu com 73 annos de edade de uma pneumonia que em poucos dias o vitimou.

A sua illustre familia enviamos a expressão de nosso pesar.